

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

ANNO I

DESTERRO, 24 DE NOVEMBRO DE 1867.

N. 9.

A ESPERANÇA.

Somos mancebos, crianças ainda que começamos, e á cada passo encontramos mil tropeços no nosso caminho; porém consideramos já a nossa missão, e acreditamos que não se ferindo a moral nem as leis que se segue, pôde qualquer fazer desabrochar as suas idéas, e patentear-as, ainda que pequenas, porque do seu desenvolvimento é que se adquire outras, e resulta então o engrandecimento tanto proprio como geral.

Ninguem de juizo, pensador, e que avallie bem o nosso trabalho, nos hade censurar; porque é evidente que o caminho da intelligencia é o mais proprio para a perfeição, e o unico que nos hade constituir bons cidadãos.

Pensámos sempre assim, e ainda hoje alimentamos igual pensamento, porque da nossa idéa que prejuizo, ou atrazo moral e da intelligencia nos poderá resultar? acaso o esforço que fazemos não é o desempenho da nossa missão, ou errámos assim procedendo, porque em vez de seguirmos um outro caminho que dicesse menos á alma, fomos buscar o da meditação, e do estudo que se entrelaça tanto aos nossos destinos?!

Talvez. Não julgamos impossivel que muitos prefiram outros divertimentos á este que abraçámos, e nos censurem, vendo-nos que, apartados da sua fileira e unidos n'uma idéa grandiosa, nós caminhamos para o futuro e lhes deixamos filhos esquecidos d'essa missão-tão importante da razão e da intelligencia.

A luz que buscamos é a do progresso, não nos importa o latir dos Zoilos que se escondem, e só apparecem longe de nós, recordando talvez a imprensa, que em mãos da verdade fêre, e muito fundo.

O futuro decidirá da nossa importancia. E' lá que nos espera a balança da verdade.

O merito ou demerito nos será dado só n'esse tempo em que se conservam os nossos lauros ou a nossa vergonha.

Fallemos um pouco da censura :

— Espirito que não te olhas, e deixas correr teus dias no presente, como as nuvens sem destino lá nos páramos do céu, porque não te prejudicas á ti só, e... envenenada linguagem, com o sorrir nos labios, murmuras d'aquillo que te está superior, e de que nem ao menos vales uma pequenina parte?

Serás uma perfeição ! não, não admittimos luz nas trevas.

A indignação não é o principio d'estas palavras que acabamos de escrever; a consciencia, de que procedemos bem e somos julgados em louvavel caminho pelos pensadores, foi que nos ditou aquellas expressões, que se são de muito desprezo, nos sóbra ainda direito á multiplicar-o.

Com tudo não nos embaraçam os Zoilos que a final virão á reconhecer o seu erro, quando coitados já o tempo dos ensaios lhes tiver passado pelos olhos.

Deixemol-os, são levianos, e a leviandade só lhes pôde curar o juizo, que é a força contraria: um dia elles quererão pensar como nós, mas o tempo corre, e com o tempo elles não poderão chegar á perfeição, pois que cuidarão pouco de si.

Sonho de uma virgem.

Era noute de luar... As flores derramavão no carramanchão seus perfumes em que estava uma Venus magestosa e radiante scismando no futuro de seu amor, recordando-se do passado, tempo bello de seus brinquedos, tempo da sua infancia, innocencia em flôr.

Os zephiros nocturnos sussurravão em torno della: no scismar doce adormeceu tendo por travessiro o seu braço apoiado á face e sonhou... sonhou com a felicidade, com a esperanza do futuro amoroso...

Seu nome é Julieta, a formosa das formosas; tem dezoito annos; seus olhos scintillão o fogo da juventude, suas tranças ondeantes e castanhas lhe aprimorão, lhe realção a sua formosura; seu porté é orgulhoso e altivo; finalmente no seu todo ha o typo da belleza fascinante.

Meia hora foi passada: ella se accordou sobresaltada: nada vio... a felicidade voou ás regiões ethereas, a esperança do futuro do seu amor, filha ephemera de sua fraca imaginação marchou-se qual flor pondida na hastea sem adorador que lhe dá vida e viço...

Julieta recobrou coragem: tornou a sonhar... e em sonhos lhe appareceu um vulto e lhe fallou nessas palavras:

— Innocente donzella, que fazes aqui, neste lugar silencioso, pensativa e triste?

Acaso contemplas a lua, esse astro que dá luz á noite?

— Não, retorquiu a donzella, sei como no passado que me foi todo de flôres, penso no futuro do meu amor.

— E sabes tú o que é amor?

— Oh! se o sei!

— Não podes comprehendel-o, defini-o. O amor é um sentimento que cria raizes no nosso coração; é fogo que queima as fibras de nossa alma; é um menino coberto de uma venda, (no dizer dos antigos) ora a nossa saptisficação, ora o nosso tormento.

— Nego: O amor, é o pulsar de dous corações que se unem, que se comprehendem... é vida... é choque electrico que se sente nos olhos.

— Na verdade que me pareces apaixonada... Conta-me as tuas magoas, que eu te contarei as minhas:

— Sinto apenas amor.

— E por quem sentes amor?

— Por um mancebo, lindo como os amores; tem olhos scintillantes, cabello crespo... labios tão rubros como a romã... é a imagem do cupido.

— E que tempo ha que nütres no teu coração o sentimento do amor?

— Dous mezes e dous mezes de martyrio.

— Tão criança ainda!

Donzella, o amor traz consigo graves consequências — a paixão, a dôr, o ciume, a tristeza e o aborrecimento.

Tambem sinto esse dissillabo, essa palavra que me consome a vida.

Dou começo á narração do meu amor.

Foi n'um baile, na fogaça walsa que senti o impulso do amor tão terno como o sussurrar da briza.

O anjo que me havia fascinado tinha a palidez no rosto, cabello castanho, traje elegante e simples: em seus olhos havia fogo e dançava...

— E com quem dançava ella?

— Não m'o perguntas... Esse joyen era seu primo, é falsario e intrigante! E essa meni-

na tão formosa e bella, a flôr da innocencia tocava nas mãos desse joyen sem merito, sem pundonor.....

Julieta conheceu que o vulto se referia á si, porém pouco abalo lhe causou.....

— E essa virgem sentia essa palavra—amor?

— Me amava com todas as forças do seu coração; seria capaz de trocar a vida prazeteira por aguçados espinhos.

— E qual é seu nome?

— Julieta!

— Ah! és tu, Alfredo...

Então querias illudir-me?

— Não; queria apenas cauzar-te um susto... porém vi que tu éras corajosa... Julieta sentiu-se alegre... seu amante estava a seu lado...

— Que amor tão santo!

Ao pronunciar essas palavras, ella se acorda em sobresalto = o sonho lhe foge... Só vio o carramanchão em que estava, com a mão apoiada na face.

Admirada de seu sonho, exclama: Amor é o pulsar de dous corações que se unem, que se comprehendem .. é vida... é choque electrico que se sente nos olhos.

MARTINS COSTA.

Ah! quem me déra!...

Ah! quem me déra! Marcolinda bella
Ser de teu peito o escolhido amante!

Ah! quem me déra! possuir, meu anjo,
Essa tu'alma, teu amor constante!...

Ah! quem me déra! em aprazivel sitio
A sós contigo, só viver d'amor!
E nos teus braços, m'esquecer querida,
Do meu passado, que só foi de dôr!

Ah! quem me déra! nos teus labios lindos
Pousar os meus e n'um febril ardor!
E nos teus seios tão mimosos, puros,
Libar mil-beijos d'encantado amor!

Ah! quem me déra! em tuas fórmãs virgens
Roçar de leve minha mão tremente!

Ah! quem me déra! em amoroso enlevo
Saciarse de gózos esta sêde ardente!

Ah! quem me déra! que cumprir quizesse
Os meus desejos, Marcolinda qu'rida!
Ah! quam ditoso eu não seria, ó anjo!
E quam feliz eu não passára a vida!...

PAULUS.

Ai!...

Quem podéra adivinhar
O que se-exprime n'um ai!...

Quanto amargoso chorar
De algum prazer que se-vai;
Quantos sonhos innocentes
Que nunca se-hão de tornar;
Quantos desejos vehementes
Que se não podem contar!
E que saudades, que magoas,
E que amarguras, que prantos
Vão n'um ai desabafar!
E amores tambem, ai! quantos,
Que innocentes illusões
Que vivem nos corações
Quando n'elles reina a crença,
Quando da fria descrença
A rija neve não cai!
Oh! quem podéra dizer
O que se-exprime n'um ai!...

EDUARDO NUNESIO.

Elementos de Versificação Portugueza

POR

EDUARDO NUNES PIRES.

CAPITULO IV.

SECÇÃO I.

Das estrophes regulares, e da disposição das suas rimas.

§ 4.º Oitavas

Na oitava real rima o 1.º verso com o 3.º e o 5.º; o 2.º com o 4.º e o 6.º; e o 7.º com o 8.º

Exemplo.

Porém já cinco sóes erão passados
Que dalli nos partíramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora prôa vigiando,
Uma nuvem, que os arés escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

(CAMÕES, LUS., C. V, EST. 37.)

A boa oitava deve incerrar um sentido feito nos primeiros quatro versos.

§ 5.º Sonetos.

O soneto consta de quatorze versos, e se divide em quatro estrophes, a saber: dois quartetos e dois tercetos. Os quartetos teem duas rimas, e os tercetos outras duas: nos quartetos o verso 1.º rima com o 4.º, 5.º e 8.º; e o verso 2.º com o 3.º, 6.º e 7.º; nos tercetos rima o verso 9.º com o 11.º e o 13.º; e o verso 10.º com o 12.º e o 14.º

O soneto, no dizer dos criticos, deve ser aberto com chave de prata, e fechado com chave de ouro, isto é, deve começar por um pensamento bello e bem expresso, augmentando-se-lhe as bellezas até o fim.

Exemplo.

Em sórdida masmorra afferrollado,
De cadêas asperrimas cingido,
Por ferozes Contrarios perseguido,
Por linguas impostôras criminado:

Os membros quasi nús, o aspecto honrado
Por vil boca, e vil mão roto, e cuspidô,
Sem vêr um só mortal compadecido
De seu funesto rigoroso estado:

O penetrante, o barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morté
Olhando já na mão do Algoz cruento.

Inda assim não maldiz a iniqua sorte,
Inda assim tem prazer, socego, alento,
O Sabio verdadeiro, o Justo, o Forte.

BOCAGE, SON. IX.)

Estrophes de versos redondilhous,

§ 6.º Quadras.

A quadra, ou redondilha, é uma estrophe de quatro versos, cuja rima se pôde dispôr de tres modos.

1.º—Rimando o verso 2.º com o 4.º, ficando soltos o 1.º e o 3.º.

Exemplo.

Amanhã—meu pensamento,
Pobre de ti— onde irás?
Em que espinhosos silvados
As azas tu rasgarás?

(ZALUAR.)

2.º—Rimando o verso 1.º com o 3.º, e o 2.º com o 4.º

Exemplo.

Para todos tens carinhos,
A ninguem mostra rigor!
Que rosa és tu sem espinhos?
Ai, que não te intendo, flôr!

(GARRETT.)

3.º—Rimando o 1.º com o 4.º, e o 2.º com o 3.º

Exemplo.

E vejo sereno pranto
Na face que te descôra,
Como os orvalhos d'auroa,
Deslisar-te sobre o manto.

(ZALUAR.)

(Continua.)

VARIÉDADE.

(Caso interessante.)

Erá n'uma noite do mez de Abril do cor-

rente anno de 1867, que tão fecundo tem sido em . . . raridades.

Já, no bronze da torre da veneravel igreja de S. Francisco, haviam soado doze badaladas, que, repercutindo pelo espaço, marcarão—meia noite. Reinava na terra *profundo* silencio, apenas interrompido de vez em quando pelo longiquo miar de algum *gato* ou o sibililar de agoureira coruja.

De certo todos descansavam, entregues aos cuidados de Morphêo, das fadigas do dia; no entanto eu velava. . . Não tinha ainda podido até aquellas horas conciliar o somno, e por isso levantei-me, e, deixando o leito, recolhi-me ao meu gabinete. Ah! abri uma janella que deita para o jardim, e nella estive debruçado apreciando o bello luar que então fazia e contemplando extasiado e formoso e azulado Céu, que n'essa occasião se achava, revestido de todo o Magestoso Poder da Divindade, recamado de brilhantes Estrellas.

Depois de haver contemplado por alguns minutos a Abóbada Celeste e respirado o fragrante cheiro da flôres do jardim, assentei-me junto a uma mesa, e á luz de uma vela, lia um livro de *excellentes*, mas *insensíveis* poesias (obra prima!) do joven phylosopho encontrado ultimamente á vagar pelos confins dos reinos de Plutão; quando ouço um forte estampido, igual ao occasionado por um tiro de peça de grosso calibre, do systema — BRAZ TIZANA — e incontinenti vejo abrir-se a porta, que estava fechada, e entrar no gabinete em que eu me achava um *magro* e nojento —caxorro galgo—, o qual, ao avistar-me, parou e arreganhou os dentes como que preparando-se para dilacerar-me! . . .

Fiquei, confesso, horrorizado: arripiarão-se-me as carnes; irriçarão-se-me os cabellos, e quasi que tolheo-se-me de susto a falla! . . . Não obstante, porém, tudo isto, não perdi de todo o meu sangue frio, e, nesse labyrintho de confusão, procurava na minha imaginação um meio, pelo qual me podêsse livrar de semelhante animal, quando occorreo-me uma idéa feliz: havia em cima da mesa um prato com alguns —beijos de cabra—, agarrei nestes, e atirei-os ao damnado cão, e em quanto o maldito bicho devorava um tão delicioso petisco, na verdade superior á um coelhinho insopado, dei um pulo, lancei mão de uma velha, e já bastante enferrujada espada, que me foi offerta pelo valente general *Galant Manicáca*, com a qual esse *heroico* cabo de guerra, tão dignamente

combateu os inimigos da patria, no ataque do —Pão de rala—; e, com essa durindana em punho, aggreedi ao nauseabundo cão, e, (oh! horror!) no momento em que o feriu n'uma costella, transformou-se elle n'um homem de estufa regular; cabeça demasiadamente pequena; olhos da cor dos de gato, barba á zero; cabellos ruivos; dentes esverdeados; bastante magro e assás exquisiteso. Sobre a mesquinha cabeça sustentava um respeitavel —chapéo de pollo— bastante interessante.

Ah! queridos leitores, fiquei petrificado: era uma verdadeira estatua de marmore! . . . Parecia-me um sonho o que se estava passando ante mim, mas não. . . Era pura realidade! . . .

Depois de fital o por alguns momentos, reconheci nesse *homem-bicho* o celebre Oidil Canivete! . . . O que queres, ente nullo e despresivel, de mim, lhe disse então; e elle respondeu-me que nada e que apenas andava cumprindo seu fado. . .

Perguntei-lhe, pois se era *lobis-homem*; e respondeu-me que —sim.

Retira-te, portanto, endiabrado, quanto antes de minha casa, emquanto te não faço em postas. . . Ao ouvir estas minhas palavras, proferidas em tom ameaçador, elle encarou-me e abrindo a asquerosa boca, deu um *berro* e desapareceu! . . .

.....

Tres dias depois da noite em que teve lugar a scena que venho de descrever, serião quatro horas, pouco mais ou menos, da tarde, encontrei o heróe que faz o assumpto d'esta minha narração, todo *tezo* e *presumido* montado n'uma interessante mula, na rua das —gollas—. Quando o avistei fiz alto e esperei-o, suppondo que elle me quizesse com o seu *sans façon*, tomar alguma satisfação; porém, o misero *bacalhão de porta de venda*, nada me disse, e, apenas, virou o *focinhos* quando por mim passou; e assim tem continuado á proceder todas as vezes que comigo encontra.

Leitores, dos contos meus,
Está finda a narração;
E, portanto, adeus, adeus. . .
Até outra occasião.

Elmano de Moraes.